



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação  
Interdisciplinar de Professores

## UM ESTÍMULO AO EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DA LITERATURA NEGRA NOS CORDÉIS DA ESCRITORA JARID ARRAES

## A STIMULUS TO THE EMPOWERMENT OF BLACK WOMEN THROUGH BLACK LITERATURE IN THE CORDELS OF THE WRITER JARID ARRAES

Flaviana Oliveira Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o empoderamento feminino negro e a concepção de uma identidade negra não estereotipada, antirracista e contra a invisibilidade da história da mulher negra na sua participação nas lutas contra a escravidão e mesmo na contemporaneidade nas batalhas insurgentes do racismo. Uma reflexão da literatura negra através da leitura e estudo da obra *Heroínas Negras em 15 cordéis* da escritora negra Jarid Arraes, onde procuramos observar como a autora mostra a intensidade da força dessas mulheres, promovendo empoderamento e auto-estima. A literatura negra brasileira deve ser uma forma de desconstruir a imagem de uma mulher subalternizada, submissa, objeto e regada de preconceitos. A literatura de cordel utilizada pela escritora é também uma forma de resistência, uma arte popular tratada com preconceito, o que demonstra a necessidade de mais estudos para a superação dessas mazelas sociais da elite formada através dessa colonialidade.

**Palavras-chave:** mulher negra, cordéis, preconceitos raciais, literatura negra, empoderamento.

### ABSTRACT

This article aims to reflect on black female empowerment and the conception of a non-stereotyped, anti-racist black identity and against the invisibility of the history of black women in their participation in the struggles against slavery and even in contemporary times in the insurgent battles of racism. A reflection of black literature through the reading and study of the work *Black Heroines in 15 cordels* by the black writer Jarid Arraes, where we seek to observe how the author shows the intensity of the strength of these women, promoting empowerment and self-esteem. Black Brazilian literature should be a way of deconstructing the image of a subalternized, submissive, object and prejudiced woman. The cordel literature used by the writer is also a form of resistance, a popular art treated with prejudice, which demonstrates the need for more studies to overcome these social ills of the elite formed through this coloniality.

**Keywords:** black woman, cordels, racial prejudices, black literature, empowerment.

<sup>1</sup>Mestranda em Estudos Culturais pela UFMS. Graduada em Biologia pela UFMS, Pós graduada em Metodologia de Ensino FACINTER, Graduada em Química pela UNIMES, email: [fos.silva@hotmail.com](mailto:fos.silva@hotmail.com).



## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe o fazer pensar sobre o empoderamento da mulher negra contemporânea através da leitura de cordéis da Escritora Jarid Arraes, onde buscamos discutir a relação da mulher negra diante do apagamento histórico provocado pelos colonizadores, e nas origens do patriarcado. Empoderar as mulheres tem uma definição de acordo com a ONU:

Dar ou adquirir poder ou mais poder. O empoderamento significa uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam suas próprias vidas. A pessoa empoderada pode definir os seus objetivos, adquirir competências (ou ter as suas próprias competências e conhecimentos reconhecidos), resolver problemas e desenvolver seu próprio sustento. É, simultaneamente, um processo e um resultado. Fala-se, então, do empoderamento das pessoas em situação de pobreza, das mulheres, dos negros, dos indígenas e de todos aqueles que vivem em relações de subordinação ou são desprivilegiados socialmente (ONU Mulheres, 2017, p. 21).

Uma forma de fortalecer a identidade dessas mulheres e dos grupos sociais e das relações afetivas dentro dessa sociedade, do enfrentamento frente à cultura machista que historicamente banaliza as violências contra a mulher. Este trabalho tem como base uma pesquisa bibliográfica de autores que falam sobre as temáticas raciais, feministas, literatura e os fenômenos sociais e históricos envolvendo a escravidão e o preconceito.

Quando estudamos a história da mulher negra no Brasil levamos em conta todo o estereótipo enraizado em nossa cultura e do racismo estrutural. É notável que essas mulheres seguem como coadjuvantes de um processo de liberdade escravagista, sem personalidade, sem cultura, enquanto na verdade foram importantes personagens políticas e de grande poder social, a sua exclusão histórica se deve a demandas estabelecidas pelo colonizador, que não admitia a identidade e a cultura do povo negro, e não tinham interesse de perpetuar essa cultura, ainda mais da mulher negra, muitas vezes vítima dos senhores brancos pelos quais sofriam abuso e violência, o que levaram muitas delas a não conseguir contar sua própria história.

Ao refletirmos sobre o empoderamento da mulher negra estamos buscando a valorização da sua história transformadora nas lutas contra escravidão e preconceito. Nessa perspectiva, citamos os cordéis da escritora Jarid Arraes, que tem em seu título “Heroínas Negras Brasileiras”. Esse título nos instiga a pensar em quais foram essas lutas. Para o homem branco, senhor de escravos a mulher negra era considerada submissa em sua natureza, sendo muito difícil imaginar a vida dessas mulheres, pois não podiam falar, não tinham voz, como no conceito de subalternidade de Spivak (2010, p. 57), conceito onde ela descreve as consideradas



camadas mais baixas da sociedade como excluídos. A mulher negra sempre excluída da sociedade, claramente com menos oportunidades, relegadas a posições de menor remuneração no mercado de trabalho, revelando a opressão e a discriminação que foram consolidadas socialmente. A sociedade deve conhecer e tomar posse dessa história, como Chimamanda Adich (2009), diz que “as histórias importam, muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar”.

## 2. METODOLOGIA

O método utilizado para essa pesquisa é o bibliográfico a pesquisa baseia-se na análise do livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis* da Escritora Jarid Arraes, buscando sempre analisar em seus textos os termos e a escrita que tem a capacidade de empoderar a mulher negra e valorizá-la. Será realizada uma pesquisa que trate de assuntos que estão envolvidos nos temas taratados: mulheres negras, feminismo, racismo, cultura afro-brasileira, empoderamento, literatura negra, cordéis, história, apagamento das lutas dessas mulheres. A participação em disciplina de mestrado e grupos de estudo e grupos de discussão em mídias digitais também são fontes para o aprimoramento da pesquisa bibliográfica. Essa pesquisa será baseada em autores e palestrantes publicados realizando uma coleta de dados, escritos e falas, utilizando procedimentos em acordo com as normas técnicas que credibilizem e validem o estudo. Será realizada: um estudo sobre as fontes que tratem do tema, seleção de autores, seleção das obras. As pesquisas bibliográficas serão em publicações físicas, publicações digitais de livros, artigos e palestras, e teses de mestrado. A organização das fontes foi por meio de fichamento.

## 3. A LITERATURA NEGRA

A literatura negra é uma ferramenta para reduzir esse rebaixamento social e cultural dando visibilidade a mulher negra, tirando-a da visão subalterna, combatendo seu avanço. Os cordéis da escritora Jarid Arraes contam a história de quinze mulheres heroínas do Brasil, mulheres nascidas no Brasil, umas libertas, outras alforras, alguns membros da realeza Africana, mulheres retiradas da sua posição de nobreza na África, escravizadas no Brasil, sofridas, mas não abatidas mediante o sofrimento, e se tornaram exemplos de mulheres guerreiras, fortes, líderes e vitoriosas. A literatura brasileira é bastante pobre de figuras negras protagonistas em papéis dignos, geralmente somos retratados em posições subalternas. A Escritora Jarid Arraes, também mulher negra, nordestina nascida na região do Cariri no Ceará, ativista social, escreveu sua obra onde segue a estética e a rima dos cordéis uma escrita com a



capacidade de despertar naquele que lê a compreensão de nós mesmos, e especialmente no Heroínas Negras em 15 cordéis, fazer refletir sobre as questões de racismo, sexismo, preconceitos étnicos e ainda de como somos desconhecedores dos eventos mais perversos cometidos pelos colonizadores para demonstrar seu poder, para Mbembe (2016, p. 131) “o sentido violento da vida de um escravo se manifesta pela disposição de seu supervisor em se comportar de forma cruel e descontrolada, e no espetáculo de dor imposto ao corpo escravo”. A literatura negra deve também levar a essa reflexão, deve ser resistência, deve ampliar os espaços de visibilidade dessas mulheres, reconhecendo todas as suas contribuições. Difundir a literatura negra proporciona a visão de uma sociedade plural, uma oportunidade de apresentar as tradições culturais africanas ainda marginalizadas, desafiar e revolucionar a quebra desses estereótipos proporcionando uma representação diversificada e real da vida dessas mulheres, a arte de um povo sofrido que lutou, que resistiu, mas ainda assim teve sua vida roubada pela escravidão, Mbembe fala sobre isso:

Arte de existir em meio à espoliação, mesmo que agora seja quase impossível invocar o passado e lançar sobre ele algum encantamento, exceto talvez nos termos sincopados de um corpo que constantemente é transformado de ser em aparência, de canção em música (Mbembe, 2001, p. 190).

Sendo também uma forma de contribuição aos estudos culturais ao ampliar as discussões sobre a produção de conhecimento no meio acadêmico e a representação da Mulher da África e na crítica de suas representações ocidentais que em nada se parecem aquelas que sofreram essa opressão, uma forma de valorização das perspectivas da cultura africana descolonizando o conhecimento e a cultura. De acordo com Hall (2003, pg 44), “paradoxalmente nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. Como bem disse Mudimbe (2013), na obra “A invenção de África”, que contesta discursos colonialistas de demonstrar a primitividade dos povos escravizados deixando de lado toda a cultura produzida por esses povos. Falar de si e para um igual tem outro poder, para David Brookshaw (1983):

[...] O aspecto importante a emergir da obra dos escritores negros, como veremos, é que, embora possam defender e mesmo internalizar estereótipos criados pela tradição branca a respeito deles, suas obras raramente limitam-se a isso, mas inevitável e desejavelmente, transmitem um conhecimento mais íntimo da posição do negro na América Latina e uma perspectiva mais pessoal e honesta de suas aspirações.

O livro de Jarid Arraes traz suas narrativas em formato de cordel que oferecem ao leitor a representação positiva das mulheres que dentro de suas realidades e da identidade africana



que carregavam, não deixaram de lado suas manifestações culturais, seja nos seus rituais religiosos adorando seus orixás, na sua música com os atabaques e seu samba, na culinária através dos quitutes e até mesmo na luta em sua forma e estratégia de guerrear, essas mulheres tiveram coragem e enfrentaram seus algozes com inteligência e astúcia, sendo hoje modelos de inspiração, resiliência e liderança, proporcionando o empoderamento daquelas que se identificam dentro dessa história utilizando-as como um exemplo a ser seguido. De acordo com Pestana (*apud* Fonseca, 2006) a literatura negra possui um papel essencial na reversão das imagens negativas e na formação da identidade de grupos etnicamente excluídos.

Através dos cordéis que narram os feitos de mulheres da realeza Africana podemos verificar exatamente o que trata OYĚWÙMÍ em um trecho de “A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”:

O processo colonial foi diferenciado por sexo, na medida em que os 31 colonizadores eram machos e usaram a identidade de gênero para determinar a política. Pelo exposto, fica explícito que qualquer discussão sobre hierarquia na situação colonial, além de empregar a raça como base das distinções, deve levar em conta seu forte componente de gênero (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 186).

Pois ali naquela história de escravidão, homens poderosos, usaram de seu poder de compra e barganha para escravizar rainhas e princesas, mulheres que representavam muito ao seu povo, não respeitaram seus costumes e tradições, resultando na opressão de uma cultura em detrimento da outra, tentando com isso subjugar ainda mais aquelas pessoas. Escrever sobre esses momentos históricos e narrar essas vivências são uma forma de dar vida a essa resistência, e a literatura de forma geral tem esse papel, de acordo com Santos, (2022, p.58) a historiografia possui instrumentos que permite ao historiador estudar e reconstruir o modo de vida dos personagens, e a literatura surgiu como fio condutor nessas novas abordagens.

#### 4. O CORDEL

A literatura de cordel representa um patrimônio cultural e imaterial do Brasil, especialmente para a região Nordeste onde se originou, é mais do que simples poemas rimados; é um reflexo da história, da cultura e da identidade do povo brasileiro. O Cordel é um elo com nossas raízes, transmitindo lendas, causos, histórias de heróis e acontecimentos cotidianos de forma poética e acessível. É um dos maiores representantes da cultura nordestina, onde são expressados as falas, os costumes e as religiões e demais crenças dessas localidades de cultura tão rica mais diminuída por aqueles que colonizaram o Brasil com branquitudes. Por meio dele, podemos compreender melhor a alma do povo nordestino, foi por muito tempo a forma de



entretenimento e informação para as a população mais humilde, democratizou o acesso à cultura escrita e ainda serviu como forma de expressão de pesares, idealismos, utopia, batalhas do povo, como uma forma de resistência e denúncia social. Em 2018, a literatura de cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, atestando sua importância para a identidade nacional. (Brasil, 2018). O cordel é capaz de preservar a memória coletiva, transmitindo as gerações uma série de valores, tradições e a história do povo, pois é capaz de abordar temas variados, como a fé, questões política e a desigualdades sociais com muita complexidade em suas rimas. Apesar de suas raízes tradicionais, o cordel é uma forma de expressão artística viva, que continua se renovando e se adaptando aos novos tempos que contribui para a construção de uma identidade nacional mais inclusiva e diversa, valorizando as raízes populares e regionais.

Durante a escravidão num momento em que a comunicação era restrita e a leitura era privilégio de poucos, os versos era uma forma de compartilhar informações, histórias e experiências entre os escravizados e não escravizados na região nordeste, pois como uma cultura de base, negros escravizados também são nordestinos escravizados, partindo dessa premissa seriam os negros nordestinos que através dos versos, preservavam sua cultura, suas tradições e suas raízes africanas, resistindo à tentativa de apagamento de sua identidade, muitas vezes essas rimas ou cantos era utilizados para expressar sua fé, oferecendo conforto e esperança em momentos de sofrimento. Ele também permitia que os escravizados expressassem seu descontentamento com a escravidão, fazendo críticas que muito se pareciam com canções, os versos podiam carregar mensagens de esperança e de luta pela liberdade, inspirando os negros a continuarem a resistir, muitos tinham facilidade com as palavras e escreviam seus próprios versos, expressando suas vivências e sentimentos. Pelo tom das rimas eles memorizavam com facilidade e transmitiam oralmente de um para outro, e com isso se comunicavam com muita eficiência, os versos eram transformados em canções, que eram entoadas durante o trabalho nos campos, em festas e em momentos de lazer. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil, 2018):

A literatura de cordel é um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira e carrega vínculos com as culturas africana, indígena, europeia e árabe. Nesse sentido, a literatura de cordel é um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses. Os poetas brasileiros no século XIX conectaram todas essas influências e difundiram um modo particular de fazer poesia que se transformou numa das formas de expressão mais importantes do Brasil (Brasil, 2018).



## 5. A HISTÓRIA DAS HEROÍNAS NEGRAS EM CORDEL

A literatura de Cordel utilizada pela escritora Jarid Arraes na obra *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, enquadra-se em um tipo de gênero literário popular, conhecida como uma expressão da cultura nordestina, esses textos de cordel não contam apenas histórias passadas é uma produção cultural que se materializa também em tradições orais se utilizando de rimas cantadas melodiosamente. O livro apresenta quinze cordéis onde a escritora apresenta as quinze mulheres, são elas: Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campo Melo, Luíza Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Angotimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba. Utilizando da sua obra Jarid Arraes trás para o presente esses nomes de mulheres guerreiras, que lutaram e deixaram uma herança histórica de coragem que não deve ser esquecida. Gangnebin (pag. 55, 2006) explica que a rememoração também significa atenção ao presente e que o passado transforma o presente. Nessa obra Jarid Arraes traz à superfície as vivências de mulheres negras que batalharam por seus espaços e direitos, mostraram que são contribuintes da cultura e da verdadeira história da sociedade brasileira, mas foram apagadas dela. Nos cordéis, Jarid Arraes utiliza uma linguagem poeticamente acessível, como deve ser o cordel, para contar essas histórias, tornando-as compreensíveis a um público diverso, incluindo crianças e jovens. Apresentando esse grupo de mulheres como heroínas, o livro incentiva a autoestima e o empoderamento de meninas e mulheres negras, mostrando que elas também podem ser protagonistas de suas próprias histórias.

A escolha do cordel como formato literário demonstra a origem da autora, seu conhecimento da cultura popular, da necessidade urgente de trazer temas como feminismo negro e valorização da mulher negra para uma discussão nacional e ainda toda sua relevância na construção da identidade negra. Ao apresentar todas essas personagens reais históricas e incríveis, a obra é capaz de ajudar a desconstruir estereótipos e a criar um momento de revelação de um tema pouco abordado. As personagens são inspiradoras sendo exemplos a ser seguidos por essa geração de mulheres negras inferiorizadas e vitimizadas da sociedade, incentivando na árdua batalha por direitos em busca da igualdade social. "*Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*" é uma obra que mostra a cultura, a resiliência e a atitude das mulheres negras brasileiras.



## 6. A LINGUAGEM EMPODERADORA DAS RIMAS DO CORDEL DA OBRA DE JARID ARRAES

Realizando a leitura dos cordéis, observamos como a escritora utiliza-se de adjetivos empoderadores e que ressaltam as qualidades das mulheres. Vamos analisar alguns trechos de cada cordel.

Antonieta de Barros, educadora e filha de ex-escravizada, defensora da educação e ativista contra a escravidão e preconceito, destacando-se como uma mulher negra, professora, jornalista e política que quebrou barreiras e inspirou gerações, a sua vivência foi de grande importância e transcende o tempo e continua a ecoar nos dias de hoje, criou um jornal chamado "A Semana", que destacou-se como um importante local de discussão de temas como educação, política e direitos das mulheres.

[...] Conto aqui nesse cordel  
Uma história inspiradora  
De uma preta muito forte  
Que foi tão trabalhadora  
E com sua inteligência  
Se mostrou norteadora [...]

[...] Tinha muito envolvimento  
Com assunto cultural  
E ainda em vinte e dois  
Ela fundou um jornal  
Que chamou de "A Semana"  
Escrevedo para o tal [...] (Arraes, 2017)

Aqultune, uma princesa do Congo, que ainda jovem na África era guerreira, mas perdendo uma batalha, acabou também perdendo a sua liberdade, ela viveu momentos desafiadores e resistiu a todos como guerreira de seu povo e mãe de Ganga Zumba. Aqultune é símbolo de resistência contra a escravidão e a opressão, mostrou que, mesmo diante de grandes dificuldades, é possível lutar por liberdade e justiça, foi uma mulher extraordinária que lutou pela liberdade e inspirou muitas pessoas, é um exemplo de coragem, determinação e resistência com ela aprendemos sobre a importância de valorizar a diversidade e lutar por um mundo mais justo e igualitário para todos.

[...] Todos lá reconheceram  
Que era ela uma princesa  
E por isso concederam  
Território e realeza  
Para a brava Aqultune  
Coroadada de firmeza. [...]

[...] Mais sua importância  
Muito mais se mostraria  
Não se sabe com certeza



Mas pelo que se anuncia  
Aqaltune teve um filho  
E Ganga zumba ele seria [...] (Arraes, 2017)

Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do País, neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, Carolina viveu muitas dificuldades na favela, enfrentou a fome, a falta de dinheiro e a desigualdade. Mas não desistiu ela não perdeu a esperança e a vontade de viver, cresceu em uma família humilde com mais sete irmãos. Hoje considerada como uma importante contribuidora na literatura brasileira, especialmente por ter dado voz a um grupo da população que antes era pouco representado na literatura: os moradores de favelas.

[...] Por causa do sucesso  
Do dinheiro que ganhou  
Carolina finalmente  
Da favela se mudou  
Numa casa de tijolos  
Com seus filhos habitou. [...]

[...] Desejava até cantar  
Mais um livro ela escreveu:  
“Casa de Alvenaria”  
Cheio de raltos seus  
Sobre a vida que mudava  
E o que mais lhe aconteceu [...] (Arraes, 2017)

Dandara dos Palmares, mãe de três filhos, seu nome foi citado na história como esposa de Zumbi, mas esposa foi apenas um papel de Dandara, era uma líder de homens e mulheres no quilombo, com espírito guerreiro que a fazia lutar, Dandara era uma guerreira incansável, que lutava lado a lado com os homens nos combates contra as tropas portuguesas, tinha coragem e competências de um militar e era por todos agradecida.

[...] É por isso que Dandara  
Tinha fé no guerrear  
Confiava nas batalhas  
Para tudo transformar  
A paz só existiria  
Pelo que conquistaria  
Para todos libertar. [...]

[...] Há quem diga que Dandara  
É um símbolo lendário  
Que está representando  
Um poder imaginário  
Heroína para a gente  
Como Deusa que ardente  
Traz o revolucionário [...] (Arraes, 2017).

Esperança Garcia, uma mulher escravizada que viveu em fazenda no Piauí, foi uma denunciadora das agressões dos senhores de fazenda, denunciou através de uma carta enviada



ao governador do Estado, hoje sua ação é considerada uma das primeiras petições jurídicas do Brasil, nessa carta, ela exigiu justiça e proteção para as mulheres e crianças escravizadas, demonstrando um profundo senso de justiça e conhecimento dos seus direitos, inspira a todos a lutarem por seus direitos e a defenderem a justiça.

[...] Acontece que Esperança  
Tinha aprendido a ler  
Ensinada pelos padres  
Tinha jeito de escrever  
Foi aí que decidiu  
Uma carta conceber. [...]

[...] É por isso que Esperança  
Na história se mantém  
Porque teve essa coragem  
E porque foi muito além  
Não ficou só no silêncio  
E mostrou que era alguém [...] (Arraes, 2017)

Eva Maria do Bom Sucesso, foi uma mulher negra livre, trabalhava como quitandeira, tirava de sua banca o sustento dos filhos e ainda tinha que dividir uma parte com o patrão, desafiou as estruturas de poder de uma sociedade escravocrata e machista, mostrando que era possível resistir e buscar justiça, ela era uma mulher independente que trabalhava para garantir seu sustento.

[...] Existiu uma mulher  
Chamada de Eva Maria  
Quitandeira talentosa  
Que um dia mostraria  
Sua força exemplar  
Sua garra pra lutar  
Sem descanso noite e dia. [...]

[...] Ela foi Eva Maria  
Pulso de trabalhadora  
Por direito de viver  
Incansável lutadora  
Ela deu foi um exemplo  
Que rompeu o véu do tempo  
E lhe fez Mis redentora [...] (Arraes, 2017).

Laudelina de Campos Melo, foi a primeira mulher negra a fundar a Associação das Profissionais Empregadas Doméstica, lutou contra a opressão estabelecendo direitos e iniciando uma força sindical, como mulher negra, ela compreendia profundamente as opressões enfrentadas por mulheres negras no Brasil, e a sua luta pelos direitos das trabalhadoras domésticas era indissociável da luta contra o racismo e o sexismo.



[...] Vou contar no meu cordel  
Uma história edificante  
Que até hoje reverbera  
Pelos atos importantes  
Nos ensina que a coragem  
E ativismo impactante. [...]

[...] Era uma associação  
E do país foi a primeira  
Que tratava dos direitos  
Da empregada e faxineira  
E por isso Laudelina  
Já tomou a dianteira [...] (Arraes, 2017).

Luísa Mahin, guerreira Africana, teve importante papel na Revolta dos Malês, na Bahia. Sua casa teria servido como ponto de encontro para os conspiradores, e ela teria representado um papel muito importante para arregimentar e na preparar o povo para a revolução. A sua combinação com a Revolta dos Malês elevou-a à condição de heroína nacional, um símbolo da enfrentamento contra a opressão negra Deixou-nos, Luiz Gama, seu filho e poeta e que lutou contra a escravidão.

[...] Nos quitutes que vendia  
Ela neles enrolava  
As mensagens escondidas  
Que em árabe espalhava  
Ajudando nos motins  
Que também se organizava. [...]

[...] Muitas das rebeliões  
Dos escravos da Bahia  
Tinham sua participação  
Que Luísa oferecia  
Sua contribuição  
Era de grande valia [...] (Arraes, 2017).

Maria Felipa, ela nasceu na Ilha de Itaparica, marisqueira, pescadora e capoeirista, foi uma das figuras femininas mais importantes atuando na luta que estabeleceu a independência do Brasil na Bahia. Um dos episódios mais conhecidos de sua vida foi a ação na Batalha de Itaparica, onde, junto com outras mulheres, ela incendiou embarcações de Portugal, essa ação foi um marco para a vitória do seu grupo e de outros, e contribuiu ainda para fortalecer toda a organização tornar a Bahia independente.

[...] Na ilha de Itaparica  
No estado da Bahia  
Ela assumiu o comando  
Da batalha que zunia  
Pela então independência  
Da Bahia que vivia. [...]



[...] Reunidas as guerreiras  
Por Felipa lideradas  
Colocaram fogo alto  
Naws embarcações chegadas  
E que eram inimigas  
Da gente mobilizada [...] (Arraes, 2017).

Maria Firmina dos Reis, foi uma importante escritora brasileira do século XIX. a primeira mulher a ter um livro publicado na América Latina, seu legado é enorme e inspira escritores e ativistas até os dias de hoje, sua obra reconhecida uma das primeiras a abrir caminhos para a discussões de temas importantes na literatura brasileira, como a questão racial e a luta por direitos, escreveu um romance muito conhecido, "Úrsula", de 1859, considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro, onde a autora denuncia as injustiças sofridas e defende a igualdade entre todos.

[...] A primeira romancista  
Que foi negra nordestina  
Soube usar sua esperteza  
O fulgor de sua sina  
Trabalhou suas palavras  
Mesmo sendo clandestina. [...]

(...) Em suas obras literárias  
Ela sempre demonstrou  
O seu abolicionismo  
Que na escrita assinalou  
E a sua origem negra  
Com certeza que honrou (...) (Arraes, 2017)

Mariana Crioula, enquanto líder numa revolta contra a escravidão no Vale do Café, em 1838. Esta revolta ficou conhecida por erguer o Quilombo de Manoel Congo. Em 1838, Mariana Crioula, ao lado de Manuel Congo, liderou uma das maiores revoltas de escravizados no Brasil, conhecida como a Insurreição de Pati de Alferes, a luta aconteceu na região do Vale do Café, no Rio de Janeiro, e encobriu a fuga de possivelmente quatrocentos negros escravizados em uma propriedade.

[...] Vou contar uma história  
Da mais pura resistência  
Sobre a vida de uma líder  
Com tamanha inteligência  
Que foi fonte de coragem  
Pra sua sobrevivência [...]

[...] Mariana estava junto  
E com Manuel fez par  
O casal era tão forte  
E capazes de inspirar  
Que de Rei e de Rainha  
Se fizeram aclamar [...] (Arraes, 2017).



Vendida por um dos filhos do Rei, Na Angotimé foi enviada para o Brasil, onde trocaram seu nome e separaram de seus súditos. Na Angotimé do reino de Daomé foi uma rainha, traída e mandada como escrava para o Brasil. As histórias contadas sobre ela a descrevem como uma mulher forte, corajosa e estratégica, com grande capacidade de liderar pessoas para a luta contra a escravidão, é uma personagem que muitas vezes foi comparada à de outras líderes, como Dandara dos Palmares.

[...] Era Mãe de Zomadônu  
Um Vodum de tradição  
Que usou para fundar  
E fazer a condição  
Do seu templo levantado  
Até hoje preservado  
Com imensa redenção [...]

[...] Mas o fato é muito claro  
Foi rainha e lutadora  
Coroadada com bravura  
Ela foi conquistadora  
Para sempre a inspirar  
Na memória a relembrar  
Como foi norteadora [...] (Arraes, 2017)

Tereza de Benguela, Tereza se tornou a líder do quilombo após a morte de seu marido, o Quilombo do Quariterê abrigava mais de cem pessoas, com destacada presença de negros e indígenas, ela nos mostra que a resistência negra foi fundamental para a construção da sociedade que conhecemos e que as mulheres negras desempenharam um papel crucial nessa luta. Tereza navegava com barcos imponentes pelos rios do pantanal, onde era conhecida como “Rainha Tereza”.

[...] Que exemplo inspirador  
Que mulher tão imponente  
Foi Tereza de Benguela  
Uma deusa para gente  
Que até hoje não desiste  
Dessa luta pertinente [...]

[...] É por isso que escrevo  
Mulher negra também sou  
E registro de Tereza  
O legado que ficou  
Pois bem poderosamente  
A Tereza aqui passou [...] (Arraes, 2017).

Tia Ciata, ela viveu na segunda metade do século XIX e teve papel importante na criação na cultura do samba no Brasil, era mãe de santo e morava em uma casa na Praça Onze, no Rio de Janeiro. Lá recebia muitos músicos e abria espaço para que cantassem e tocassem em um



momento em que o samba era proibido por lei, foi uma mulher negra, forte e determinada, que deixou um legado inestimável para a cultura brasileira. Essa história é um exemplo de resistência, criatividade e amor à cultura.

[...] Sempre de saia rodada  
Na cabeça seu turbante  
Ela usava seus colares  
Suas contas importantes  
Como filha de Oxum  
Fez-se muito exuberante [...]

[...] Na casa de Tia Ciata  
Muita festa acontecia  
Sempre no samba de roda  
Um banquete ela servia  
Ela era partideira  
E cantava com alegria [...] (Arraes, 2017).

Zacimba Gaba, de Cabinda na Angola, foi uma das precursoras das lutas pela libertação. Não importavam as intempéries, ela ia à batalha para libertar seus irmãos, reconhecida como princesa acabou por comandar um quilombo. Sua história desafia os estereótipos de gênero e mostra o papel fundamental das mulheres nas lutas sociais.

[...] Com ajuda de seu povo  
Fez um veneno mortal  
Da cabeça de uma cobra  
Que era disso especial  
Com o pó desse veneno  
Fez um plano crucial [...]

[...] Invadiram a casa-grande  
E Zacimba os liderou  
Segurando uma peixeira  
A princesa ali lutou  
E os servos de Trancoso  
No confronto derrotou [...] (Arraes, 2017).

Vemos através desses cordéis a luta da mulher negra por um futuro sem castigos, sobre o qual possa ser instaurada uma vida de liberdade. Podemos ver por meio desses cordéis de palavras fortes, que a escritora não economiza em adjetivos e substantivos que favoreçam as qualidades das negras descritas em suas obras e as sua façanhas, apresentamos uma lista de alguns utilizados nos versos anteriores:

Inspiradora  
Forte  
Trabalhadora  
Inteligente  
Norteadora  
Princesa  
Realeza



Bravura  
Firmeza  
Sucesso  
Transformadora  
Guerreira  
Conquistadora  
Liberdade  
Exemplar  
Liderar  
Luta  
Edificar  
Coragem  
Impactante  
Independência  
Esperta  
Resistência  
Liderança  
Imponente  
Exuberante

Podemos dizer que tais palavras podem ajudar no empoderamento feminino negro das mulheres que precisam se ver e ser vistas com esses valores. Arendt (1985), sobre o empoderamento:

O poder corresponde a habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo, pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está “no poder” estamos nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome (Arendt, 1985).

A investidora do poder a mulher deve partir de um conjunto, de uma união, de um grupo, de saberes históricos, de verdades sobre as lutas e vivências, sobre a desmistificação e rebaixamento da cultura. Sobre o contar a verdade do colonizado e não do colonizador. A cultura e a literatura negra servem para continuar com essa luta, pois ainda existem chibatadas sociais, o açoite é através do racismo estrutural. Dar visibilidade as histórias dessas mulheres através de exposições em escolas, clubes, instituições bancárias, praças, paços municipais devem ser feitos para exaltar essa riqueza, fazer com que a sociedade reduza essa visão colonial da mulher subalterna e enalteça a mulher negra feminina e guerreira, que sempre soube lutar pela sua verdade e liberdade. Perrot (2017), fala sobre isso:

[...] a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes (Perrot, 2017, p. 179).



O livro de Jarid Arraes traz visibilidade a esse momento da história, que foi propositalmente esquecida ou escondida pelo colonizador branco, os cordéis do livro são uma forma de dar voz a essas mulheres que se foram, e a outras tantas que passaram por esse sofrimento, e ainda um momento de reconstrução da história Afro-brasileira.

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta. (Hooks, 2019b, p. 38-39).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o racismo no Brasil existe, a mulher negra sofre constantemente com o racismo devido a sua cor e tantos outros preconceitos, essas discriminações são responsáveis por muitas formas de desigualdade, argumentamos no presente trabalho a importância de existir espaços na literatura e na sociedade onde as mulheres negras sejam protagonistas de sua história, uma maior visibilidade a literatura negra, espaços de debate dessa literatura, como escolas, clubes e centros universitários, mas principalmente em escolas de educação básica, onde se formam os pensadores e onde também preconceitos podem ser multiplicados, o incentivo a escrita de futuros autores negros apenas colabora com a valorização da mulher negra, sua cultura e história, Mariosa (2011 p. 42) diz que os “livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, se tornam um estímulo positivo e uma autoestima favorável ao leitor negro, nesse tipo de leitura o jovem negro se reconhece, e então se tornam eles os heróis de sua própria história”.

Algumas ações estão sendo realizadas para promover esse empoderamento, existem alguns movimentos sociais e políticos que buscam uma luta coletiva para esse fim, algumas políticas públicas como as cotas que já vem sendo usadas e a interseccionalidade de gênero raça e classe, mas que ainda é pouco implementada pois exige uma grande demanda de estudo. O presente trabalho objetiva apresentar textos da poesia em cordel da autora Jarid Arraes que evidenciam em suas rimas o quanto as mulheres negras foram fortes em sua história apesar de todo o sofrimento, as rimas exaltam as virtudes e coragem de cada mulher, tudo isso nos ajuda a compreender questões contemporâneas relacionadas a cultura, religião, classe, etnias e gênero e mostra a mulher negra de verdade com suas lutas embates e vitórias, e buscar o engajamento em um novo momento de quebra de estereótipos, igualdade de direitos e justiça social, onde a posição da mulher negra seja de empoderamento.



## 8. REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Estados Unidos: TED talks, Julho, 2009. Palestra apresentada na conferência oficial da TEDGlobal. Disponível em: <https://1library.org/article/transcri%C3%A7%C3%A3o-da-palestra-de-chimamanda-adichie.y830124q>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985
- ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Ata da 89ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro - Rio de Janeiro. 19 de setembro de 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/ata\(3\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/ata(3).pdf). Acesso em: 8 ago. 2024.
- BROOKSHAW, DAVID. **Raça e Cor na Literatura Brasileira**, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983
- GANGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. Jeanne Marie Gagnebin — São Paulo: Ed. 34, 2006. 224 p.
- GOMES S, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, 2003. 75-85. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>. Acesso em 12 mai. 2023.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidade e Mediações**. Tradução Adelaine La Guardia Resende\_ etall\_ Belo Horizonte. Ed. UFMG, Brasília Representação UNESCO no Brasil, 2003.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019a.
- MARIOSIA, G. S., & Reis, M. da G. dos. (2011). A influência da Literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**, 8 (1Supl.), 42–53. <https://doi.org/10.5433/el.2011v8.e25625>. Acesso em 12 mai. 2023.
- MBEMBE, Achille. Formas Africanas de Auto-inscrição. Tradução de Patrícia Farias. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 1, 2001.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte & Ensaios ppgav/UFRJ** n32, dezembro 2016.
- MUDIMBE, Valentin. **A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Petrópolis: vozes, 2019.
- ONU MULHERES. **Princípios de empoderamento das mulheres**. 2017. Disponível em: [onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha\\_ONU\\_Mulheres\\_Nov2017\\_digital.pdf](https://onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_ONU_Mulheres_Nov2017_digital.pdf). Acesso em 8 ago. 2024.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 7. ed. Rio



de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017. Tradução Denise Bottmann.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres:** Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

SANTOS, Cleyton Rodrigues. Em linhas Negras: Diálogos políticos Escravistas em Machado de Assis. **Revista Território & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 15, n.1, jan-jul 2022, pag. 58.

SPIVAK, GC. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG; 2010.